

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mais de sete mil mulheres pedem ajuda à polícia

Vítimas procuraram as delegacias de janeiro a novembro de 2015 para denunciar casos de assédio e agressões de homens violentos

Victor Duarte

Mais de sete mil mulheres procuraram delegacias no Estado para registrar casos de violência doméstica. Entre os crimes relatados pelas vítimas estão agressões, ameaças, tentativa de abuso sexual e estupro. Os registros foram feitos entre janeiro e novembro do ano passado.

Ao todo, foram feitos 7.164 boletins de ocorrência. De acordo com o superintendente de Polícia Metropolitana, delegado Cláudio Victor, as agressões lideram os registros.

O delegado observa que o número de ocorrências poderia ser maior, mas há vítimas de violência doméstica que não dão queixa nas delegacias.

“Há também registros de casos de violência sexual, ameaça, danos materiais, injúria e calúnia. O número de ocorrências divulgadas poderia ser ainda maior, caso todas as mulheres que passam por esse tipo de situação procurassem a polícia para denunciar os abusos sofridos por parte de companheiros e maridos agressivos”, afirmou Cláudio Victor.

Os mais de sete mil registros de ocorrências foram feitos nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams), em Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana e Guarapari, além do Plantão Especializado da Mulher (PEM), que fica na capital.

Apesar de os dados divulgados pela polícia serem do período de janeiro a novembro do ano passado, casos de violência contra a mulher continuaram a ser registrados no Estado, no mês de dezembro.

Um exemplo ocorreu com uma pedagoga, que vive em Nova Valverde, Cariacica, e foi agredida pelo marido. O caso ocorreu no último dia 27, quando ela completou 37 anos. A vítima contou para a polícia que saiu de uma festa para buscar uma convidada em um ponto de ônibus.

A pedagoga saiu de carro com o companheiro da amiga que iria buscar no ponto. O marido da pedagoga ficou com ciúmes e a seguiu de moto. Ele conseguiu interceptar o carro da vítima e exigiu que ela descesse do veículo.

A pedagoga foi agredida com puxões de cabelo e um soco no rosto. O marido da vítima fugiu e o caso foi registrado no PEM.

“O número de ocorrências poderia ser maior caso todas as mulheres que passam por esse tipo de situação procurassem a polícia para denunciar”



CLAUDIO VICTOR observa que a Polícia Civil trabalha para incentivar as mulheres a comparecer às delegacias

Inquéritos em aberto são 607

Um total de 607 casos de violência contra a mulher, ocorridos entre janeiro de novembro de 2015, ainda permanecem em aberto para a Polícia Civil.

Dos mais de 7.164 boletins de ocorrência registrados nas Delegacias de Atendimento à Mulher e Plantão Especializado da Mulher, 3.632 inquéritos foram instaurados pela polícia para investigar casos de violência contra mulheres na Grande Vitória.

“Dos 3.632 inquéritos, 3.025 foram concluídos e os acusados foram indiciados. Além deste número, 327 homens foram presos com base na Lei Maria da Penha entre janeiro e novembro de 2015”, contou o superintendente de Polícia Metropolitana, delegado Cláudio Victor.

Ainda segundo o delegado, a Polícia Civil busca incentivar que as mulheres denunciem.

“Nós estamos trabalhando para incentivar essas mulheres a comparecer à delegacia. Se ela estiver se sentindo ameaçada ou com medo, ela tem de entender que há saí-

das, como a solicitação de medidas protetivas”, completou o delegado.

MEDIDAS

Ainda segundo os dados divulgados pelo superintendente de Polícia Metropolitana, foram solicitadas, entre janeiro e novembro do ano passado, 3.270 medidas protetivas de urgência para afastar maridos, companheiros e namorados violentos de mulheres vítimas de agressões e ameaças.

A delegada Natália Tenório, do Plantão Especializado da Mulher (PEM), disse que há mais mulheres solicitando medidas protetivas.

“Vimos um aumento, mas ainda é preciso que as mulheres compareçam à delegacia sempre que necessário”, disse a delegada.

OS NÚMEROS

3.632
inquéritos foram abertos nas delegacias da mulher

3.025
acusados foram indiciados

ENTENDA

Passo a passo para mulheres vítimas

Procurar a polícia

> **MULHERES QUE FOREM** vítimas de crimes na Grande Vitória, como agressão, estupro, ameaça, humilhação, cárcere privado e assédio devem procurar a Polícia Civil.

> **AS VÍTIMAS PODEM** procurar uma Delegacia Especializada da Mulher (Deam). Há Deam em todos os municípios da Grande Vitória.

> **CASO A DELEGACIA ESTEJA** fechada, a mulher pode procurar o Plantão

Especializado da Mulher (PEM), que fica na Ilha de Santa Maria, Vitória. O local funciona 24 horas e atende a mulheres vítimas de crimes.

Medidas Protetivas

> **CASO A MULHER SE** sinta ameaçada por algum ex-marido, namorado, companheiro ou qualquer outra pessoa, pode solicitar Medidas Protetivas de Urgência.

> **DESSE MODO, A JUSTIÇA** concede

um documento que impede a pessoa de se aproximar da solicitante da medida protetiva.

> **CASO A MULHER NÃO** tenha para onde ir e estiver impedida ou com medo de voltar para casa, ela pode solicitar uma vaga em uma das Casas Abrigo que existem na Grande Vitória.

> **OS LOCAIS ONDE ESSAS** casas estão ficam em segredo e, normalmente, somente a Justiça sabe quais são os endereços.

Grande Vitória tem 63 casos de assassinatos de mulheres

No ano passado, 63 mulheres foram assassinadas na Grande Vitória, de janeiro a novembro. Se comparado ao número de mortes de pessoas do sexo feminino, no mesmo período de 2014, houve redução de 19 casos. Naquele ano, foram 82 mulheres assassinadas.

O município da Serra lidera o ranking de homicídio de mulheres na Grande Vitória, com 22 casos. Em segundo lugar aparece a cidade de Cariacica com 16 mortes.

Em seguida vem Vila Velha, que registrou 13 casos de morte de mulheres e Vitória, com nove pessoas do sexo feminino assassinadas no ano passado. Viana teve três casos de morte de mulheres.

CAPITAIS

Entre as capitais brasileiras onde há maior número de registro de assassinato de mulheres, Vitória aparece em primeiro lugar, segundo uma pesquisa feita pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flasco).

O “Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres” aponta que a capital capixaba tem taxa de 11,8 homicídios de mulheres para cada 100 mil habitantes.

A taxa é quase seis vezes maior que a média mundial, que é de 2 mortes para 100 mil habitantes. O levantamento conta com o apoio do escritório no Brasil da ONU Mulheres e com dados de 2013 do Ministério da Saúde.

Maceió (AL) ocupa o segundo lugar, com taxa de 10,7 homicídios de mulheres para cada 100 mil habitantes. João Pessoa (PB) fica em terceiro lugar, com índice de 10,5.

Na ocasião em que os dados foram divulgados, em 10 de novembro de 2015, o secretário de Estado de Segurança Pública, André Garcia, afirmou que, além de desatualizados, os dados podem estar mascarados, levando-se em conta que as mulheres assassinadas na Grande Vitória, por exemplo, são levadas ao DML em Vitória.

O secretário de Segurança Urbana de Vitória, Fronzio Calheira Mota disse, na ocasião, que no geral em Vitória a redução de homicídios foi de 60% entre homens e mulheres em 2015.



POLÍCIA em local de morte de mulher

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“Vivi um inferno com meu ex”

ACERVO PESSOAL

Uma administradora de empresas, de 36 anos, contou que viveu momentos de terror enquanto estava casada com o ex-marido, um representante comercial, de 39 anos.

A vítima, que vive em Vitória, disse que conheceu o ex na praia e, no começo, o relacionamento era tranquilo. Porém, depois de alguns meses de convivência, o representante comercial se mostrou agressivo e começou a bater na vítima constantemente.

A TRIBUNA – Como começou o relacionamento?

ADMINISTRADORA – Eu estava em uma praia da capital com um amigo. Meu ex chegou e começou a conversar com esse amigo, já que eles eram conhecidos. Houve o interesse e nós começamos a ficar e, depois de alguns dias, iniciamos um namoro sério.

> Quando ele mostrou ser uma pessoa agressiva?

Namoramos por seis meses e decidimos morar juntos. Nos primeiros três meses, tudo eram flores. Ele me tratava muito bem, levava até café da manhã na cama. Depois



ADMINISTRADORA FOI VÍTIMA de violência e chegou a ser agredida com cabo de vassoura. “Depois de cinco anos, eu tive coragem de sair de casa e fui para a casa da minha mãe, em Minas Gerais”

disso, ele começou a me tratar com desdém e foi aí que as humilhações começaram. Ele me deixava trancada em casa.

> Quando sofreu a primeira agressão?

Foi nesse período mesmo. Ele começou a me bater muito, usava até um cabo de vassoura, às vezes. Chegou a me estuprar também. Um dia, quando estava dor-

mindando, ele já estava em cima de mim. Me ameaçou e eu cedi à violência, chorando muito. Eu vivi, literalmente, um inferno com meu ex.

> Por que não foi à polícia?

Hoje eu sei que deveria ter ido. Mas eu o amava muito e não queria ver ele preso. Pode parecer ridículo, mas eu tinha pena dele e, por isso, sofri calada.

“Nos primeiros três meses, tudo eram flores. Ele me tratava bem. Depois, começou a me tratar com desdém”

Administradora, 36 anos

Mulheres reatam relacionamento

Mesmo depois de terem sido agredidas, ameaçadas e até esturpadas por maridos, namorados e ex-companheiros, muitas mulheres decidem retomar o relacionamento.

Segundo dados divulgados pela Superintendência de Polícia Metropolitana, entre janeiro e novembro de 2015, mais de sete mil mulheres procuraram a polícia para denunciar crimes. Hoje, 320 homens violentos estão presos com base na Lei Maria da Penha no Estado, segundo a Secretaria de Estado da Justiça (Sejus).

Conforme a delegada Natália Tenório, plantonista no Plantão Especializado da Mulher (PEM), em Vitória, é quase diária a presença de mulheres que querem retirar denúncia contra o marido.

“Não é raro vermos mulheres que, depois de terem sido agredidas, às vezes durante uma vida inteira, procuram a polícia para retirar queixas. Nós sempre tentamos conversar com as mulheres e não fazer somente um trabalho burocrático. Normalmente, quando perguntado o motivo da retirada da queixa, as mulheres simplesmente dizem: “É porque a gente está bem agora”, disse.

Uma diarista, de 56 anos, que pediu para não ser identificada, contou que, depois de anos sendo agredida, terminou um casamento de mais de 25 anos. Porém, depois de duas semanas reatou com o



PLANTÃO DA MULHER, na Ilha de Santa Maria: boletins de ocorrência

acusado de agredi-la.

“Eu não sei viver sem ele, não. E agora parece que ele vai parar com isso. Eu registrei a ocorrência porque vizinhos chamaram a polícia durante uma briga. Eu não queria que ele fosse preso, não”, contou.

Questionada se sente medo de ser agredida novamente, a diarista disse que o amor pelo marido supera qualquer desconfiança.

“Ele nunca fez por mal e sempre se arrepende e me pede desculpas. Mas dessa vez ele não vai fazer mais nada, não, tenho certeza. Agora que ele viu que pode me machucar de verdade, ele criou

um pensamento de que me bater é errado. Ele não vai fazer de novo não”, contou a diarista.

E completou: “Agora, o que eu não quero que aconteça mais são os vizinhos chamando a polícia para nossas brigas”.

A delegada Natália Tenório contou ainda que muitas mulheres não se veem na sociedade sem a presença dos companheiros.

“Às vezes, as mulheres não conseguem se enxergar como uma pessoa independente. Elas entendem que aquilo é o dever delas mesmo, manter o casamento a qualquer custo”, disse.

OPINIÕES

FÁBIO NUNES - 31/05/2014



“É preciso discutir o tema de dentro das escolas. O ensino médio precisa falar sobre violência de gênero”

Natália Tenório, delegada

ANTONIO COSME - 07/10/2015



“Não tem como falar em redução da violência contra a mulher, se o tema não for discutido na escola”

Michelle Meira, delegada

Marido não aceita fim de relação e incendia casa

Inconformado com o fim do relacionamento, um ajudante de pedreiro, 42 anos, colocou fogo na casa da mulher, uma merendeira 42 anos, em Nova Carapina II, Serra.

O caso aconteceu no Dia de Natal. De acordo com a vítima, ela foi casada com o acusado por um ano. Eles estão separados há um mês, mas continuam morando na mesma casa, que é da merendeira e fica na rua Mutum.

A vítima contou que, na noite do dia 24, foi à casa de sua prima junto com o ajudante de pedreiro. Quando voltaram para casa, a vítima contou que ele começou a discutir com ela, dizendo que não aceitava o fim do relacionamento.

A vítima foi dormir na casa de parentes. Já na manhã de 25, o acusado foi novamente à casa e começou a fazer barulho. Ele ateou fogo na casa e o Corpo de Bombeiros foi ao local controlar as chamas. A PM foi acionada por vizinhos e o acusado foi preso.

Ele foi levado à delegacia e foi autuado por provocar incêndio. Depois, o acusado foi liberado pela Justiça no dia 26 de dezembro.

KADIDJA FERNANDES - 26/12/2015



CASA na Serra ficou destruída

CASOS

Espancou e foi para o bar

Uma auxiliar de serviços gerais, de 29 anos, foi espancada pelo marido, um marceneiro, de 22. O crime aconteceu na noite do dia 25 de setembro do ano passado.

Segundo a polícia, o acusado só parou de bater na mulher porque pensou que ela tinha morrido. Depois disso, ele trancou a mulher dentro do imóvel e foi para um bar, onde começou a beber cerveja. Ele fugiu após algumas horas e não foi preso. A mulher recebeu atendimento e ficou internada no hospital Jayme dos Santos Neves.

Esfaqueou a mulher

O auxiliar de serviços gerais, Loan Eugênio Madeira, 27, foi preso no dia 15 de dezembro, acusado de ter esfaqueado a mulher, de 16 anos, e o amigo dele.

O crime ocorreu em Balneário de Carapibus, na Serra, na segunda-feira, dia 14 de dezembro. O acusado estava escondido em Nova Esperança, Cariacica.

Loan confessou o crime, foi preso e autuado por dupla tentativa de homicídio e impossibilidade de defesa das vítimas. Ele foi levado para o presídio.